

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 249

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1,200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1,300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2,500. Semestre, 1,250 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

O ESPIRITO DAS TULHERIAS

Não foi em 1869, como erradamente sahiu no ultimo artigo, mas em 1870, no proprio anno da queda do imperio, que teve logar o plebiscito. Em 1869 foram as eleições geraes, que representaram, por assim dizer, o despertar da França. A preocupação exclusiva do imperador era afogar, era destruir os republicanos. Em França havia mais partidos. Mas o mais perigoso de todos era o republicano.

O grande perigo é esse! dizia bastas vezes o imperador.

E era. Era o grande perigo desde 1793! O grande perigo para todas as monarchias europeias! A Republica era a meta, era o objectivo, era o fim! A Revolução feriu de morte o espirito monarchico. Aniquilou-o para sempre.

Quantas torrentes de sangue vertido, quantas sommas fabulosas desperdiçadas, quantos prejuizos de toda a ordem, quantas desgraças, quantos crimes, por se não comprehender esta verdade!

Adiir soluções, impostas pela fatalidade das circumstancias e do tempo, é o maior erro que se pôde commetter na vida dos individuos ou na vida dos povos. Erro que se paga sempre com juros exorbitantes, arrancados mais do que á nossa bolsa; tambem á nossa honra, tambem ao nosso sangue!

O grande perigo é esse! dizia o imperador.

Tudo, menos republicanos!

Contra os republicanos se fez esse odiosissimo golpe d'estado de dois de dezembro, acompanhado e seguido, na França inteira, de assassinatos, de infamias, de atrocidades sem nome.

Contra os republicanos se fez a campanha da Criméa, isto é, como diz Taxile Delord na sua *Histoire Illustrée du Second Empire*, para que a França esquecesse o dois de dezembro, e o exercito os seus antigos chefes.

Contra os republicanos se fez a guerra de Italia, isto é, como diz ainda o citado historiador, para que a França esquecesse a sua liberdade perdida.

Contra os republicanos se organison a expedição do Mexico, isto é, para ceder ás manobras, para satisfazer as exigencias dos clericos, uma das forças em que se apoiavam as Tulherias, na sua guerra feroz, e constante, á democracia.

Contra os republicanos se fez a guerra de 1870, isto é, para apagar o effeito das eleições de 1869, do plebiscito de 1870, do assassinato de Victor Noir, para desfazer a onda de indignação e de revolta, que tinham produzido tantas infamias, tantos crimes, onda que crescia de instantes a instantes, que se avolumava, que se alteava, enfim, a correr, ameaçando pavorosamente, como um castigo de Deus, cahir com estrondo, cahir com furia, esmagando-as, subvertendo-as, sobre as Tulherias.

Contra os republicanos se deu a capitulação de Metz e a capitulação de Sédan.

A Republica era um espectro, que se erguia ameaçador, que se erguia horrendo, aos olhos das Tulherias. Era preciso tirar d'alli o espectro, corre-lo, afugenta-lo, mata-lo, que as Tulherias quieriam viver tranquilas, quieriam dormir des-

caçadas. Para isso tudo se fazia. Tudo era admissivel. Tudo era licito. Tudo! Tudo!

Fazia-se uma lei de imprensa, que não deixasse escapar nada pela malha. Mas, mesmo assim, em surdina, chegava cá fóra um ligeiro protesto? Jornaes apprehendidos e suprimidos. Portas das typographias fechadas e selladas. Jornalistas e typographos expulsos á coronhada. No melhor caso, um policia á porta da typographia para não deixar sahir ninguem, salvo o outro policia, o que estava lá dentro, para levar, á censura, a primeira folha que se imprimisse!

Não imagine ninguem que, por mais que o pareça, estamos fazendo a historia de outros paizes. Nós estamos fazendo a historia da França no segundo imperio. Historia de rigorosa verdade. Lê-de, e vereis! os livros já por nós citados, e todos aquellos que quizerdes.

Chuz! Buz! Nem palavra. Nem pio. Pedia-se licença para uma reunião? Negada a licença. Projectava-se fazer a reunião sem licença? Occupado militarmente o local da reunião. No melhor caso, dava-se a licença? Dissolvida a reunião, á primeira palavra mais viva que se pronunciasse. Nem acompanhar os mortos ao cemiterio. Os pobres mortos! As ruas apinhavam-se de tropa, para impedir o cortejo funebre. Os cemiterios eram occupados militarmente, para impedir, não já os discursos, mas os soluços, mas as lagrimas, mas o ultimo adeus, á beira da sepultura. Os pobres mortos! E os jornaes recebiam ordem para não dizer palavra no dia seguinte.

A liberdade eleitoral era como a liberdade de imprensa, era como a liberdade de reunião, como a liberdade de associação, como a liberdade de cathedra, como a liberdade de tribuna. As Tulherias não quieriam republicanos na camara!

Mas a voz de Victor Hugo, a voz de Quinet, e d'outros, a d'esses dois sobretudo, tropejava do exilio, e chegava á França, por mais guardas fiscaes que houvesse na fronteira, e mais beleguins a espiar os comboios e os correios. Respondia-lhe o silencio. Mas esse silencio era como o silencio dos tumulos. Mettia medo!

Oh! Silencio sepulchral, silencio horroroso, que, demais, tinha este contra: deixava que se ouvisse o bramir da consciencia!

E as Tulherias, apavoradas, procuravam gente que as defendesse, que as apoiasse. E as Tulherias recorriam a todos os réclames, a todos os expedientes de popularidade. E as Tulherias, para embriagar, para esquecer, lançavam-se n'um rodopio de festas, n'uma vida doida de prazeres, custasse o que custasse, estimulando as classes ricas, e todos os viciosos, ao mesmo regimen de gosos e fulganças.

O amor do oiro, diz Taxile, tornou-se o sentimento dominante das classes elevadas, e, até, d'aquellas que se gabavam de ter por regras unicas da vida o desinteresse e a honra. As pessoas de negocios, accrescenta, usavam dos meios de influencia, que dão a intriga e a corrupção, para obter monopolios, privilegios, concessões de caminhos de ferro ou outras de natureza equivalente. Os empregados de cathedra venciavam por tres e mais empregos. E esta sociedade nova, escreve ainda o referido historiador, este mundo exquisito, compos-

to d'altos funcionarios com triplices vencimentos, de financeiros enriquecidos por processos indecorosos, de traficantes de toda a ordem, de intrigantes e cozias, espalhava o oiro a mãos cheias e vivia em festas permanentes.

Ao par e passo que a miseria publica crescia! O preço dos generos alimenticios, da carne sobretudo, chegou a um ponto assistador. As habitações dos pobres tomaram-se miseraveis e carissimas, por isso que nas grandes cidades os bairros velhos foram substituidos por bairros opulentos. Casas novas, mas de rendas elevadas, sem ninguem pensar em construir casas hygienicas e baratas para as mais infimas classes sociaes. Os rendimentos do estado não chegavam para tamanhas voragens de locuras. Os municipios endividavam-se extraordinariamente. Portanto, novos impostos, crescendo dia a dia, agravavam a infeliz situação do povo.

As Tulherias, ao mesmo tempo que continuavam nas suas cruéis exigencias de dinheiro, engulindo o que era licito e o que era illicito, fingiam ter dó das multidões, e organisavam kermesses, beneficios, subscrições, mealheiros em favor d'ellas.

A imperatriz, sabendo tudo, diz Taxile, que se pôde apprender no *Sacré-Cœur*, era uma mulher piedosa, de profunda devoção, temendo a Deus e amando os pobres. Lançou-se, de braços abertos, no partido clerical. Os bispos tiveram n'ella a sua amiga, o seu baluarte, a sua força. Por sua intervenção se impozeram, mandaram, governaram. Aliados, ella e elles, no santo ardor da fé contra os republicanos, contra os livres pensadores! Era ella, é sempre Taxile que o refere, quem fazia lér, e assignalava a seta marido, os artigos menos agradaveis ao throno e ao altar, incitando o imperador a fazer supprimir os jornaes que os publicavam. Os padres reinavam, com toda a amplitude. O dogma da Immaculada Conceição foi recebido, em toda a França, com estrondosas manifestações officias de jubilo. O clero recebe ordens para ensinar ás creanças, nas escolas, os artigos do *Syllabus*. Do *Syllabus*, do *Syllabus*, o supremo attentado á dignidade humana!

Amor com amor se paga. Ao baptisado do principe imperial assistiram 86 bispos! O imperador, viajando, não atravessava uma diocese sem que o bispo viesse, á frente do clero, saudar o *Salvador da sociedade!*

O recrutamento dos adeptos fazia-se entre homens sem escrúpulos, aventureiros sem valor moral, geralmente de mediocre valor intellectual. Tambem, o que o imperador preferia eram *homens de pulso!*

Saint Arnaud havia sido caixeiro viajante, comediante, mestre de armas, etc. Magnan, outro aventureiro. Fleury, um *viveur*, foi feito ajudante do imperador só por montar bem a cavallo. Espinasse, um imbecil, foi feito presidente do conselho só por ser um soldado brutal, capaz de todas as violencias para defender o throno.

Toda esta gente era festejada, favorecida, agrupada n'um fim unico: combater os republicanos.

A monarchia resumia a sua vida n'este ponto: afugentar o espectro, defender-se da Republica.

Era a sua obcecação. N'esse intuito arriscou tudo, jogou tudo. Violencias, festas, corrupções, ba-

talhas, miravam só a isto: vencer, ou, pelo menos, adormecer a opinião.

Quando a opinião acordou enfurecida, quando, em 1869, elegeu uns poucos de deputados republicanos, entre elles Gambetta e Rochefort, quando a quinta parte do exercito, no plebiscito de 1870, se manifestou contra o imperio, apesar de todas as corrupções e brutalidades de caserna, a monarchia jogou a ultima cartada: a guerra de 1870. E jogou-a como o batoteiro reduzido aos extremos da infancia.

Bazaine, em Metz, foi o requinte da pullice. Napoleão, em Sédan, não lhe ficou a dever nada.

Este biltre, que, nas vespasas do golpe de estado, do dois de dezembro, dizia aos militares, que tinham adherido á conspiração: *«Je ne vous dirais pas: «Marchez, je vous suis: «mais je vous dirais: «Je marche, suivez-moi!»* não teve força moral, nem physica, para montar a cavallo, e cahir vencido como um homem, ou morto, á frente das suas tropas.

Só teve esse grito de angustia, esse grito de dôr, de fraqueza, de humilhação, de covardia, que Zola na *«Debaclé»* lhe attribue:

Oh! ce canon, ce canon, qui ne cesse pas!

Contra os republicanos, isto é, contra a liberdade, contra a verdade, contra o direito, não dizia: *Marchez, eu vos sigo.* Dizia: *Eu marchei, segui-me.* Contra o inimigo da patria não sabia marchar, nem seguindo dos outros, nem seguindo os outros! Sabia carpir, sabia lamentar o tiro do canhão, que lhe agitava a bexiga e os rins, para acabar por escrever ao rei da Prussia, ao *Monsieur mon Frère*, elle, *le bon Frère Napoleon*, remetendo-lhe a sua espada, que só para esse acto ignobil sahia da bainha!

A' hora em que o pobre cabo João, o valente cabo João, o cabo de esquadra intemerato e fiel, o cumpridor austero do dever, depois de tantas fadigas, de tantos soffrimentos, de tantas dôres, de tantos perigos, só confiava no pôr do sol como termo de martyrios.

Ce cochon de soleil!...
Quand il sera couché et qu'il fera nuit, on ne se battra plus, peut être!

E o sol põe-se, enfim. Enfim! Enfim!

Ah! ce cochon de soleil, le voilà donc qui se couche.

Enfim! Enfim!

Como este grito suggestivo vale só por si por um poema!

A noite traz a paz, o descanso, uma trégua d'algumas horas. Paz e descanso para os mortos, que não serão pisados a patas de cavallo. E paz e descanso para os vivos, que irão d'ahi a pouco, quando as aves romperem o canto alegre da alvorada, cahir, por sua vez, ao lado d'elles. Morrer por um frascario sem pudor. O vil frascario! Morrer pelas Tulherias, um antro de vicios e vergonhas. Morrer, enviando aos filhos, á mulher amada, o ultimo suspiro. Como Weiss, alli, aos olhos de Henriqueta, fusilado contra um muro, como um cão! Como o sargento Honorio, lá em cima, sobre a peça, agarrando a carta de Silvina, no ultimo estertor, e apertando-a contra o coração!

Pôr do sol de ignominia, nascer do sol de redempção.

O imperio morria ao anoitecer. A Republica surgia com a aurora.

E a Republica foi, para a França, uma verdadeira redempção!

TRIGOS

O *Debate* publica, de vez em quando, umas cartas apreciaveis sobre assumptos agricolas, assignadas por *Um Lavrador*. Na ultima d'essas cartas refere-se o signatario ao *Povo de Aveiro*, de uma forma penhorante, mas contestando uma das nossas affirmações, que reputa injusta. Tendo nós dicto, n'um artigo publicado no penultimo numero deste semanario, sob o titulo *O Pão*, que a propaganda do 3.º congresso contra a tuberculose, na preferencia dada ao pão escuro sobre o pão alvo, tinha, com a aggravante de uma affirmação errada, o inconveniente de favorecer extraordinariamente as fraudes commettidas por varios moageiros do paiz, e ainda b de favorecer o egoismo dos lavradores, que fornecem á industria de panificação precisamente os trigos que produzem as farinhas com que se fabrica o pão mais escuro, responde o correspondente do *Debate* que, por si, não semeou no presente anno agricola um unico bago de trigo do tal que faz o pão mais escuro, mas que nem todos os lavradores do paiz podem fazer o mesmo, porque as terras o não permitem. Logo, commettemos uma injustiça.

Pois se a commettemos, não foi com o proposito de ser injusto. E como não pesam no nosso espirito presumpções de sabedoria absoluta, nem temos aspirações ou assomos de infallibilidade, desde já declaramos que, convencido, estamos prompto a reparar-la.

O que nós queremos é apprender. Damos por bem empregado todo o tempo que n'isso gastamos. Ora de agricultura poucos conhecimentos práticos temos, ou nenhuns. E sendo toda a sciencia experimental, por mais que leiamos sobre agricultura, não conseguiremos ter sólidos conhecimentos sem *experientiar*. O mesmo succede a todos, e com tudo.

Mas com um bocadinho de senso commum, e guiando-nos um pouco por certo tacto que Deus nos deu, permita-nos o illustre correspondente do *Debate* que digamos o seguinte.

Nós não duvidamos que haja terras e climas que não permittam a cultura dos trigos que produzem o pão muito branco. Sabe de que nós duvidamos? E' de que tenham sido aproveitadas todas as terras e todos os climas portuguezes susceptiveis de o permitir.

D'isso é que nós duvidamos. Tanto que não hesitamos em confessar que nos dariamos por satisfeito, e plenamente satisfeito,—e já não teriamos duvidas—se todos os lavradores possuissem a intelligencia esclarecida de que dá provas, nas suas cartas, o correspondente do *Debate*. E o egoismo não é filho, muitas vezes, da ignorancia? O egoismo não é geralmente estúpido? Incontestavelmente. Como não hão de ser egoistas os nossos lavradores, d'um egoismo e trito, d'um egoismo tacanho, d'um egoismo contraproducente, que é d'esse que tratamos, se, como quasi todos os portuguezes, são profundamente ignorantes, profundamente incultos?

Basta que o não sejam, para que diminuam logo os terrenos, e os climas, que não permitem as culturas dos trigos que produzem o pão branco. Basta que saibam lavar, que saibam adubar, que saibam escolher as sementes,—e que

tenham recursos para isso—para que as circunstâncias mudem muito e o mal de que se queixa *Um lavrador* diminua consideravelmente. Diz o agrônomo Paul Diffloth, professor especial de agricultura, no seu livro *Agriculture Générale*:

«O trigo (*Triticum sativum*) dá colheitas as mais remuneradoras nas terras francas, nos solos de consistência média, saibro-argilosos, argilo-calcareos ou argilo-arenosos, sem humidade excessiva. O calcareo é indispensável ao desenvolvimento dos cereaes e em particular ao trigo e á cevada. Póde-se comtudo cultivar o trigo com successo em todas as boas terras bem tratadas, qualquer que seja a sua natureza; é assim que os solos arenosos submettidos a um tratamento racional podem dar bellos trigos.»

E' claro que Diffloth não fala em trigos brancos, nem trigos escuros. Trata de trigos de boa qualidade, e não é preciso mais nada.

Convert, professor de economia rural no *Instituto Nacional Agronomico*, no seu livro excellente, *L'Industrie Agricole*, escreve:

«Comparada com uma carta hipsometrica, a carta da cultura do trigo mostra que essa cultura se desenvolve mais especialmente nos terrenos de planicie, qualquer que seja a sua elevação acima do nivel do mar, contanto que não exceda os limites que a tornam impossivel ou somente difficil. São precisos, com effeito, para dar um lugar importante ao trigo, como, aliás, aos outros cereaes, espaços em que a charrua circule facilmente, sem ser contrariada por accidentes de terreno. As montanhas são em toda a parte um embaraço á extensão da cultura do trigo.»

Comparada com uma carta geologica, a carta da cultura do trigo mostra que esse cereal se encontra de preferencia nas diversas camadas das formações terciarias. As terras francas, que contêm em proporções, sensivelmente eguaes, argila, silica e calcareo, são aquellas que mais lhe convem. A falta de calcareo, que caracteriza os terrenos das camadas mais antigas do globo, oppõe-se á sua extensão; o excesso de calcareo tem algumas vezes consequencias analogas em certas formações cretaceas. Nos terrenos argilosos ou marneiros é abafado pelas hervas. Emfim, não gosta de solos muito leves, nem de solos muito frescos.»

D'aqui se conclue que em Portugal existem extensas regiões de bello trigo. Quanto ao terreno e á altitude. Quanto ao clima, tambem, desde que nós o vemos desenvolver-se em climas diferentes do mundo. Salvo nas altas montanhas, em altitudes superiores a 900 metros, a sua cultura, diz ainda Convert, é *possivel por toda a parte*, sem que o clima constitua obstaculo algum.

No seu *Portugal Economico*, insiste o sr. Anselmo de Andrade em demonstrar que Portugal é um paiz de excellentes regiões cerealíferas.

A representação da *Associação Commercial de Lisboa*, redigida pelo sr. Casimiro Freire, e dirigida ás camaras em 1893, regista, como uma das causas dos progressos da cultura do trigo em França, a *intensidade na cultura e aperfeiçoamento nas sementes*.

No mesmo anno de 1893, mandou o sr. Bernardino Machado, sendo ministro das obras publicas, abrir concurso para o fornecimento de sementes aos lavradores, attendendo a que o *desenvolvimento e aperfeiçoamento na produção do trigo não só depende da melhoria dos processos culturais e da fertilização do solo, senão tambem da escolha de boas sementes, adequadas aos climas e natureza dos terrenos nas diversas regiões do paiz*.

Nem todos estes terrenos, nem todos estes climas, permitem a cultura do trigo que faz o pão branco? Não. D'accordo. Mas o que falta vêr é se esses terrenos e esses climas constituem a regra geral ou constituem a excepção. O que falta vêr é se esses terrenos e esses climas não dão trigo d'aquella qualidade por não ser *possivel* ou por falta de bons adubos, de boas sementes, de bom tratamento, emfim.

Nestas regiões d'Aveiro, que nós conhecemos, dá excellentes resultado o trigo gallego, que é trigo de inverno. O lavrador, porém, prefere, em regra, o trigo da primavera, ou trigo tremez, que lhe é inferior. Porque? Porque este se cria mais depressa. Porque, de inverno, quer o lavrador semear e colher hortaliças e pastos para os gados. Quer comer a dois carrilhos. Não é egoismo?

O trigo ribeiro, todavia, semeado aqui, com sementes vindas do Ribatejo, tambem dá bom resultado no primeiro anno. Mas o lavrador não manda vir todos os annos sementes de fóra, aproveitando sempre, para semente, os trigos da propria terra. Em geral. Não é egoismo?

O sr. Anselmo d'Andrade, no livro já citado, insurge-se contra a mania da vinha, em prejuizo da cultura do trigo. Põe-se vinha em terrenos improprios para ella, e bons, no entanto, para a cultura do trigo.

Não é egoismo? E', é. E como havia o lavrador de deixar de ser egoista n'um paiz em que o egoismo invadiu todas as classes? Em que ninguém quer saber dos interesses geraes? Egoismo feroz! Egoismo estúpido!

Portanto, nós concordamos com o correspondente do *Debate* em que nem todas as terras e climas do paiz permitam a cultura do trigo que produz o pão branco. Mas o correspondente do *Debate* ha de concordar conosco em que, com mais um bocadinho de intelligencia e de boa vontade da parte do lavrador, a cultura d'esse trigo havia de augmentar extraordinariamente, com vantagens manifestas para o productor, que não sabe tirar da terra tudo quanto ella poder dar, e com manifestas vantagens para o consumidor.

Posto isto, ficaremos em tudo de pleno accordo.

José Dias Ferreira

Tem estado gravemente enfermo, mas já está livre de perigo, o sr. conselheiro José Dias Ferreira. Sinceramente desejamos o prompto restabelecimento do illustre estadista.

TIRO NACIONAL

Tendo sido o *Povo de Aveiro* não só o primeiro, como o unico periodico local, que aconselhou a criação d'uma instituição de tiro civil n'esta cidade, e sendo tambem dos pouquissimos que tem feito propaganda, em todo o paiz, a favor da educação militar do nosso povo, como o unico meio de podermos ter um dia a nação armada, substituindo os exercitos permanentes, de organização defeituosissima, pelos exercitos democraticos, que lhes levam vantagens sob todos os pontos de vista, é caso para nos felicitar-mos hoje pelo estímulo que se vae manifestando entre os aveirenses pelo desenvolvimento do tiro civil, applaudindo e louvando aquelles que n'esta cidade, e em Ilhavo, se estão entregando a essa patriótica propaganda.

O tiro nacional é regulado pelo decreto de 27 de novembro de 1902, inserto em ordem do exercito n.º 20, de 6 de dezembro do mesmo anno. Por elle são auctorizadas duas classes de atiradores, ou os membros da União dos atiradores civis, com sede em Lisboa e filias permittidas em todas as localidades onde houver carreira de tiro militar, ou aquelles individuos que não pertencendo á União, nem aos grupos autonomos *Patria e Suíço*, se apresentem ao director da carreira de tiro, nas carreiras militares, para fazer fogo, e estes recebem a denominação de *atiradores independentes*, como é expresso no § 3.º do art. 17 do regulamento a que nos estamos referendo.

Os *atiradores independentes* não estão sujeitos ás obrigações dos estatutos da *União dos atiradores civis*, approvados por decreto de 29 de setembro de 1903, insertos em ordem do exercito n.º 13 de 30 de setembro do mesmo anno. Mas tambem não gosam nenhuma das vantagens d'esses estatutos, nem a maioria d'aquellas que são concedidas pelo regulamento do Tiro Nacional. Assim os atiradores independentes apenas podem frequentar a carreira de tiro, onde tem direito ao subsidio e bonus no preço dos cartuchos. Tambem lhes são applicaveis as disposições impor-

tantissimas do art. 147 do Regulamento dos serviços do recrutamento do Exercito e da Armada, approved por decreto de 24 de dezembro de 1901, inserto em ordem do exercito n.º 21 de 26 de dezembro do mesmo anno, segundo as quaes o atirador que praticar com regularidade o tiro ao alvo durante tres annos, pelo menos, alcançando a classificação de 1.ª classe fica apenas sujeito ao serviço militar durante 100 dias. Já indicámos esta disposição importantissima, — por mais do que uma vez, n'este *Povo de Aveiro*. Os atiradores independentes, porém, não se podem reunir para conferencias, nem para exercicios de tática militar. Pódem faz-lo abusivamente, illegalmente. A auctoridade, porém, intervem quando quizer e procede contra elles.

Ora isto é importantissimo. Saber carregar e disparar uma espingarda, metendo uma bala no alvo, é muito. Não ha duvida. Mas é pouco para o fim supremo da organização militar do paiz, para esse desideratum da substituição dos exercitos permanentes pelos exercitos de milicia.

Sé as associações do tiro, nos termos da lei, podem ministrar a instrução theorica e prática de tiro com armas de guerra, ensinar o manejo d'armas e os exercicios de tática militar.

Isto é importantissimo. Além d'isso são associações de propaganda para, ainda nos termos da lei, despertar e estimular, por todos os meios, o sentimento do amor patrio, levantar o nivel intellectual e moral do paiz, desenvolver a educação physica pela gymnastica, pela esgrima e por todos os meios que entender. E nós bem carecemos de associações d'essa natureza!

A Suíça tinha, em 1903, 3:595 sociedades de tiro, com 273:567 socios, ás quaes a Confederação concedeu o subsidio de 312:201 francos, ou 62.440:200 réis, contando o franco a 200 réis.

E' esta a grande base da instrução militar d'aquella admiravel paiz, que mobilisa n'um instante um poderoso exercito de 500:000 homens.

Além das associações de tiro, está coberto o solo nacional de associações militares de toda a natureza: associações de *officiaes e officiaes inferiores* cujos membros completam os seus conhecimentos militares instruindo-se mutuamente; *seção militar da Escola Polytechnica de Zurich*, com alumnos voluntarios; associações de *pontoneiros*, executando um programma annual de seis exercicios; associações de *enfermeiros* (ha 140 com 34:000 socios); associações de creadores e educadores de pombos-correios; associações de *equitação*, e o diabo a quatro.

As escolas militares propriamente ditas são innumeradas. Ha escolas preparatorias d'officiaes, ha escolas centraes para completarem a instrução dos officiaes, uma para subalternos de todas as armas, outra para capitães, outra para majores, outra para tenentes-coroneis, quatro escolas centraes, por conseguinte. Ha um curso para os officiaes superiores dos corpos de exercito. Acima d'esse ainda ha a *Escola polytechnica federal* de Zurich.

- Escolas especiaes ha:
- Escola de Estado Maior, com dois cursos e trabalhos prácticos.
 - Escola de Infantaria, com uma secção de tiro para alferes e tenentes e outra para capitães e officiaes superiores; com um curso de cabos e outro de espingardeiros.
 - Escola de Cavallaria.
 - Escola de Artilheria.
 - Escola de Engenharia.
 - Escola de Saude.
 - Escola d'Administração Militar.
- Todos com cursos, secções, subsecções, etc.

O nosso indigena—referimo-nos a todo o paiz—não comprehende, não é capaz de comprehender o esforço, o patriotismo que tudo isto reclama.

O nosso indigena é um paspalhão. E' um pedante. Quer metter figura, e mais nada. Mas, emfim, do mal o menos.

Vamos lá com esse arremedo de tiro civil, que já não é mau. O peor é se d'aqui a dias de tanto entusiasmo nada ficou.

Aos reservistas

Foi determinado pelo ministerio da guerra que todos os reservistas pertencentes á classe de 1918 ou alistados como refractarios da classe de 1821 que não serviram no exercito activo, tem de se apresentarem na sede do districto do recrutamento a que pertencem, no dia 1 do proximo mez de agosto, para receberem instrução por 30 dias.

Cartas d'Algures

13 DE MAIO.

O caso do dia, ou da semana, para falar com mais propriedade, é o assassinato dos dois officiaes da Guarda Municipal. Caso que, em si, pouco vale. O que vale são as considerações que em volta d'elle se fizeram, são as manifestações de opinião a que elle deu lugar. Isto sim, que é grave.

Que importa que um homem matasse dois homens? E' um caso triste, mas, infelizmente, commum. E' verdade, commum. N'este paiz da *brandura dos costumes*, cheio de *boas pessoas*, de *humanitarios*, de *philosophos*, e que, talvez por isto mesmo, é dos paizes da Europa onde se commettem mais crimes, e crimes mais barbaros e repugnantes.

E' um caso commum. Era um soldado, o assassino? Eram officiaes, os assassinados? Nem por isso o crime perdia o seu caracter de vulgaridade. A não ser que se prove—e pretende-se provar exactamente o contrario—que a chamada disciplina militar seja antidoto contra a iniquidade, o rancor, a malvadez ou a loucura.

O assassinato, pois, sob o ponto de vista social, não assumiu gravidade nenhuma. Outro tanto se não pôde dizer das criticas e apreciações d'alguns jornaes, que são de uma gravidade extrema.

O capitão Baptista era um homem brutal ou iniquo? Talvez. O 115 era um malvado? Talvez. Era um louco? Talvez. Um jornalista ponderado, sério, á altura da sua missão, limitava-se a recolher essas hypotheses, encanando-as friamente. E fazia poucas afirmações. N'esses casos, afirmar é perigoso. O dever limita-se a orientar, esclarecendo.

Não vae além de pôr em evidencia, com rigorosa verdade, com severo escrupulo, com a mais meditada imparcialidade, todos os detalhes e minucias que possam servir para se formar um juizo consciente, um juizo seguro.

Infelizmente, nem todos os jornalistas procederam assim. Vi alguns entregarem-se ás suas paixões de partido, aos seus preconceitos e erros de escola, a uma sentimentalidade imbecil.

Deploravel coisa! O 115 despertou mais dór, mais commiserção, mais sympathia do que se tivesse morrido afogado nas ondas, ou a arder n'um incendio, para salvar a vida do seu semelhante.

No fim de contas, é um homem que matou dois por causa de dez dias de detenção! Não foi aggravado na sua honra. Não teve que se vingar de uma affronta. Não soffreu uma d'estas perseguições que revoltam. Dé-

ram-lhe dez dias de detenção. Sabem o que é? Não é prisão. O soldado está na caserna a tocar guitarra nos dias de folga. Nos dias de serviço sahe para a rua, mas contam-se-lhe da mesma forma como dias de detenção. Eis a tyrannia! O soldado não faz caso nenhum d'esse castigo. E tanto que, para o effeito de *incommodar*, é muito mais effizaz e muito mais temida a guarda de castigo.

Supponham que o 115 ia pela rua, que levava um encontrão de um passeante menos attento, que se irritava, e que desfechava a espingarda não só sobre aquelle que tinha tido a irreverencia de lhe tocar como, ainda, sobre um companheiro—este sem lhe ter pisado um callo sequer—da irreverente creatura.

Foi pouco mais ou menos o que succedeu. E tudo se pôe a chorar o 115! E não ha uma palavra de piedade para os dois infelizes que morreram. Ha palavras d'odio! E' manifesta a falta de sympathia que elles inspiram! E' palpavel o rancor que lhe votam!

Porque? Porque o official do exercito, em Portugal, é um tyranno! Porque a caserna, em Portugal, é um horror!

Isto é torpe. Mas, ao mesmo tempo, é ridiculo.

Os jornalistas philosophos, que se abalançaram a essas considerações, que ostentaram esses sentimentos, dêram uma fraca idéa do seu espirito de humanitarismo, do seu tão decantado respeito pela vida humana. Que se não expandissem em coleras contra o 115, muito bem. Que o considerassem um louco, seria prematuro e ousado, mas vá. Manifestarem, porém, rancor pelos mortos, ou antipathia, ou má vontade sequer, ao mesmo tempo que exploravam a sentimentalidade publica em favor do 115, um *grande desgraçado*, um *infeliz*, foi, diga-se a verdade, um pouquinho torpe. Principalmente em tão humanitarias creaturas! E além de ser um pouquinho torpe, foi uma demonstração de completa imbecilidade.

Não visamos ninguém. Não nos lembra, já, quem falou assim, ou quem falou assado. Lembra-nos o que se disse, sem nos lembrar quem o disse.

A tyrannia do exercito em Portugal! Os senhores estão a mangar com a tropa.

O official do exercito pôde não se ralar, como toda a gente entre nós. Póde deixar passar carros e carretas, como todo o bom portuguez, afinal. Mas tyranno, elle!... E sobre quem havia de exercer a sua tyrannia? Só se fosse sobre as ratas dos quartéis!...

O soldado em Portugal serve 6 mezes, durante os quaes faz guarda á cadeia da localidade n'um dia, e leva o rancho aos camaradas, no outro. A grande victima! Se não ha soldados, sobre quem ha de o official exercer a sua tyrannia?

Imaginar que no exercito portuguez, onde não ha, nem pôde haver espirito militar, onde o soldado só espreguia a hora de ir para a terra e o official a hora de ir para casa, imaginar que n'este exercito é possivel a tyrannia do exercito allemão, do exercito rus-

so, ou do exercito francez, é uma verdadeira idiotice.

Os senhores estão fazendo uma triste figura. E tanto que já levam a força da rhetorica, o espirito ridiculo de declamar a proposito de tudo, até ao ponto de se horrorisarem com o simples facto do soldado trocar o seu nome por um numero.

Tyrannia! Horror! O 115 perdeu o nome? Mate lá um homem!

Pois o Joaquim Rosa, o Francisco Augusto, o Manel Adão e o Zebedeu Clino passaram a ser tratados pelo 45, o 12, o 57 e o 80 da 1.ª? Abaixo a tyrannia! Horror á caserna!

Ai minha pobre terra, a que gente entregaste os teus destinos!

Mas nem isso é verdade. O soldado não perdeu tal o seu nome. Trata-se pelo numero, porque tendo metade d'elles nomes eguaes, o numero é a maneira mais rapida de o chamar e a mais facil de o distinguir. Porém, não ha um só documento official, por mais insignificante que elle seja, — uma parte da guarda, uma nota n'um quarto de papel levada por um sargento á secretaria — onde ao lado do numero não figure sempre o nome do homem.

São raros os primeiros sargentos que não sabem dizer de memoria, promptamente, que o n.º 47 da sua companhia se chama Antonio da Francisca, e o 33 João Moleiro. O mesmo succede com muitos capitães.

Outra tyrannia: o soldado não tem vontade livre. Horror, horror, que não tem vontade livre!

O commandante quer determinar um exercicio? Toca a consultar a rapaziada.

— Rapazes, amanhã de manhã deveria haver exercicio. Vocês querem? E' massada, mas lembrem-se de que a patria reclama os vossos sacrificios.

O official de serviço quer mandar descascar ervilhas? Quer mandar limpar o quartel? Consulta a rapaziada. E a rapaziada não quer, é claro, descascar ervilha. Mas reserva-se o direito de metter o official de serviço dentro do caldeiro, se, á hora determinada, não estiver o rancho prompto.

Isto é que é vontade livre!

Quem sustenta tamanhas heresias n'esta terra? São os anarchistas? Não. São os republicanos, que querem governar. São os proprios jornalistas do governo!

Sim, sim, os proprios jornalistas do governo!

N'um jornal que apoia o governo, não me recordo já qual

foi, li eu um artigo furibundo contra o despotismo da caserna, onde o soldado não tem vontade propria.

Hein? Olhem que isto é um cumulo!

Os mesmos que apoiam os governos, que fizeram os regulamentos, que fizeram os codigos, os governos que se servem do exercito para attentar contra o direito e contra a liberdade, para manter este povo n'um despotismo revoltante, veem dar vivas ao 115—porque esse é o facto por mais que o queiram disfarçar—veem ostentar uma falta de piedade escandalosa pelas victimas, e dizer-nos: «Abaixo a caserna, porque o soldado, n'ella, não tem vontade propria!»

Como isto é ridiculo, e triste ao mesmo tempo!

Um paiz entregue a dirigentes d'esta ordem!

E' certo que nos quartéis ha iniquidades. Tremendas iniquidades. Mas não confundam iniquidades com maus tractos! Essas iniquidades nem as sente o soldado, no geral, tão embruteado elle está e tão afeito a ellas anda já. Essas não o revoltam, como não revoltam ninguém. São as iniquidades do meio, que tanto se sentem na sociedade militar como na sociedade civil. São filhas do desprezo absoluto pelo direito, pela verdade, pela justiça, são filhas d'essa falta de solidariedade moral que caracteriza toda a sociedade portugueza.

E' certo que o official portuguez é um pouco rude, nem lhe é facil fugir á essa rudeza tratand'o com homens que chegam aos quartéis com toda a manha e, juntamente, com toda a grande boçalidade do nosso aldeão. Homens que não sabem andar, que não sabem falar, que não se sabem mexer, cheios de porcaria e de ronha.

Mas é certo tambem que, aparte essa rudeza, o official portuguez é humano e condescendente. Se pecca, é por condescendencia excessiva.

Accusa-lo injustamente de tyrannia, no momento em que era morto um capitão e um alferes, que não fizeram coisa alguma que justificasse um assassinato, se o assassinato se justifica, excitar o odio contra elle, excitando-o contra dois dos seus camaradas mortos innocentemente, aproveitar o ensejo para profundar a indisciplinã da caserna, já tão enraizada, além d'um acto revoltante sob o ponto de vista pessoal, um acto cruel, um acto deshumano, foi praticar socialmen-

te um crime cem vezes maior do que aquelle que o 115, talvez louco, commetteu.

A não ser que os jornalistas philosophos, a que me refiro, estejam loucos tambem, o que pôde ser, são bem mais responsaveis do que o cabo assassino da companhia da Estrella. Agentes do crime. Elementos de desordem, de perturbação, de desorientação. Aluindo e derruindo onde não pôdem construir, onde não pôdem edificar.

A importancia, a grande importancia do caso, é essa.

A. B.

TRANSCRIPÇÕES E REFERENCIAS

O Norte e o Povo de Guimarães referem-se em termos amaveis aos nossos artigos *Espirito das Tulherias*, que o *Debate* e a *Resistencia* teem transcripto.

Os nossos agradecimentos.

GRALHAS

Não temos grande razão de queixa, porque as gralhas do *Povo de Aveiro* não são muitas, apesar da maior parte dos artigos não serem revistos por quem os escreve. Ultimamente, porém, teem augmentado. Ha uma pequenina *conspiração* contra os auctores dos artigos. E no numero de domingo passado, no artigo *Republicanos*, sahii uma commettedora. Onde escrevemos: «Aos outros, que não nos ouvem, não dizemos nada» em vez de *ou-rem* sahii *convém*.

Ora não temos *conveniencia* nenhuma em deixar de dizer aos republicanos aquillo que sentimos.

A nossa carteira

Esteve n'esta cidade, dando-nos a honra da sua visita, o nosso amigo sr. Antonio Martins, activo caixeiro despachante da Alfandega do Porto. O sr. Martins seguiu no mesmo dia para Agueda.

Da sua casa do Silveiro, regressou a esta cidade a sr.ª D. Rosa Ernestina Ferreira Pinto Basto.

Encontra-se, em Aveiro, afim de vir assistir á conferencia sobre o tiro civil, o sr. Mario Duarte.

Tambem esteve em Aveiro o sr. Manuel de Souza Brito, digno recebedor d'este concelho.

Esteve terça-feira em Aveiro, o sr. José Fernandes Mourão, esclarecido administrador do concelho de Espinho.

Conserciou-se no Porto, a sr.ª D. Maria Esperança d'Almeida, enteada do sr. Delphin Pereira da Costa, com o sr. Manuel Valente Frazão, importante negociante em Villa Nova de Gaya.

Fizeram annos esta semana as ex.ªs sr.ªs: D. Maria Amelia Couceiro da Costa, D. Philomena da Cunha Coelho; e o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, digno official da secretaria do governo civil.

Passa melhor dos ferimentos que recebeu no 1.º de maio, achando-se em via de restabelecimento, o sr. José Pedro Ferreira, habii artista d'esta cidade.

POVO DE AVEIRO
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Foi chamado o capellão e alguns frades visinhos de Santo Antonio. Levaram d'alli o padre para accoimto darem logo os escrupulos das freiras escandalisadas. Ia sem accordo, nos braços dos antoninos. As filhas viram-no ir sem lastima. Estavam em volta da barra de sua mãe. Aquelle homem fazia-lhes terror, senão odio. Poderia ser que elle tivesse por si a côrte celestial; mas n'este mundo não havia alma que o pranteasse. Propriamente os frades incriminavam-no de pusillanime e vacillante na reforma da vida. As freiras—santo nome de Deus!—davam como perdida a alma d'aquella que morrera sem confissão; e, porque eram santas, foram em côro exorar ao Senhor que não pesasse na sua balança sem o contrapeso da misericórdia, as palavras blasphemias do padre syn-dico.

Braz Luiz, quando cobrou senti-

A GUERRA

RUSSIA E JAPÃO

Dizem de S. Petersburgo para um jornal de Pariz que, segundo a opinião do chefe do estado-maior, os japonezes occupam já as alturas proximas de Porto Arthur e são impossiveis as communicações mais além de Mukden. Consta que os japonezes se apoderaram tambem das alturas visinhas da fortaleza de Teng-Hoan Cheng, que está rodeado de montanhas, que são a chave principal do Yalu e de outros diversos caminhos da Manchuria.

O general Koropatkine está virtualmente rodeado pelos japonezes, que marcham em tres grandes columnas distinctas. Pela esquerda tem o exercito de Kuroki, composto de uns 60.000 homens, que se estendem parallelamente á costa e cujo objectivo é Liao-Yang.

Pela frente teem as tropas recentemente desembarcadas perto de Porto Arthur, que sommam uns 50.000 homens e que occupam as alturas e teem a sua artilheria collocada de modo a dominar o caminho de ferro.

O flanco direito está ameaçado pelo terceiro exercito japonéz, que actualmente deve desembarcar em Tuken, ainda que officialmente não se sabe ainda, resultando d'esta combinação de forças que os russos não teem outro caminho livre além do de Mukden, sobre cuja praça se espera se concentrem.

A situação de Koropatkine não pôde ser mais critica dentro do angulo que formam as tropas japonezes, superiores em numero e superiores em artilheria. Ainda que os russos teem 250.000 homens na Manchuria, apenas 50.000 estão no actual raio de acção de Koropatkine, o qual necessita de grande estrategia para obter alguma vantagem positiva no grande combate que se espera de um momento para outro, pois já se assignalou o apparecimento dos primeiros exploradores da vanguarda de Kuroki.

Qualquer desastres de Koropatkine daria a victoria material, moral e duradoura aos japonezes que, por agora, conseguiram encerrar em Porto Arthur cerca de 30.000 soldados russos.

Outra communicação de S. Petersburgo deixa comprehender que foi simultaneo o desembarque dos japonezes nas costas oriental e occidental da peninsula de Liao-Tung, occupando Port-Adams e ao mesmo tempo Petsene. As forças japonezas assenhorearam-se rapidamente de toda a peninsula e cortaram o caminho de ferro e o telegrapho apenas pozeram pé em terra.

Apesar dos optimismos dos despachos russos, transparente o desastroso effeito moral que taes noticias causam em S. Petersburgo, onde começa a perder-se a confiança, e receia-se que Koropatkine fique em situação perigosa.

Ainda outros despachos annunciam que o general Kuroki avança rapidamente para Ten-Koang-Cheng, que uma divisão japoneza desembarcou em Kuchien, que corre o boato de que o general Oku está desembarcando tres divisões nas margens do Yalu e que o objectivo d'este general é avançar contra o grosso das forças russas.

Os jornaes de Londres dedicam largos commentarios ao assedio de

Porto Arthur, sendo em geral de opinião que este ultimo esforço dos japonezes é uma prova da sua excellento organização e uma recompensa á tenacidade do almirante Togo. Quasi toda a imprensa londrina considera já como cousa segura que os japonezes não tardarão a apoderar se de Porto Arthur. Alguns jornaes, no entanto, são de parecer que a praça não será tomada de assalto.

O *Morning Post*, referindo-se á informação de um subdito inglez que viveu muito tempo em Porto Arthur, diz n'um artigo que as más condições da praça serão o melhor alliado que os japonezes poderiam encontrar.

Nova machina

Estão sendo montados todos os accessorios pertencentes á nova machina destinada á Fabrica de Moagens dos Santos Martyres.

Que grande ratão!

Dizem de Figueiró dos Vinhos:

Antonio Carlos, carpinteiro, d'esta villa, fallecido ha dias com a bonita idade de 90 annos, era dotado d'uma não vulgar excentricidade.

Como carpinteiro, que era, fizera o seu caixão, que tinha á cabeceira da cama, prompto a recebel-o havia mais de 20 annos (era já a segunda edição). Desde essa epoca festejava o anniversario da lugubre factura, deitando-se lhe dentro, comendo alli um pão com queijo, e bebendo uma garrafa de vinho.

Quando lhe parecien que o dia da partida para a eternidade não vinha longe, pegou na importancia necessaria para o seu enterro e foi entregal-a a um amigo fidedigno, para que este a seu tempo, ou 15 dias depois, que tanto viveu o curioso excentrico, a dêsse a seus herdeiros, os quaes já de posse d'alguns contos de réis seus em moedas e propriedades, não quiz onerar com taes dispendios. Finalmente, quando o iam metter no seu ataúde, encontraram n'elle a mortalha e velas á farta.

Trabalho no mar

Principiam já em algumas costas do nosso littoral o trabalho de pesca, mas por enquanto com pouco resultado.

ESPECTACULOS

Companhia Lisbonense

Representou-se na quinta-feira, com geral agrado «A Corça de Carlos Magno».

Hoje tambem dá espectáculo esta companhia, superiormente dirigida pelo actor Oliveira.

Circulo de cavallinhos

Deu hontem o seu primeiro espectáculo esta companhia, dirigida pelos srs. Henrique Dias e Mayuel da Silva Neves. Traz 30 artistas de ambos os sexos.

Dizem-nos que é uma das primeiras companhias n'este genero. Hoje haverá espectáculo de tarde e á noite.

Theatro Aveirense

Nos proximos dias 22 e 23 temos dois espectaculos pela companhia Rosas & Brazão, com a *Fedora* e a *Castellã*.

(49) **FOLHETIM**
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)

XVII
O inferno,
como elle é possível
As cinco meninas levantaram um alarido de gemidos, e romperam por entre as freiras a cobrirem com os braços a moribunda... a morta.
Braz Luiz arquejava encostado ao leito. Não ouzavam pôr-lhe as freiras as suas mãos para o retrairem d'alli; mas, todas a um tempo, lhe pediam que offerecesse a Deus, em beneficio

da alma de Soror Josepha, as angustias por que tão santa e heroicamente quizera passar e ser provado.
O padre levantou-se de impeto, olhou em torno de si, e disse:
— E que me dá Deus? Sim! que me dá Deus?
As freiras contemplaram se estarecidas e frias de religioso medo.
— Pois então! — proseguiu elle com tregeitos de louco e semblante descomposto — pois então, não houve um raio de graça para esta santa mulher! não seria divina justiça que ella achasse aqui as alegrias de uma consciencia pura, de um coração sem mancha! Por fim... é certo que eu matei minha innocente victima?
E, dizendo, acurvou-se sobre o cadaver, beijou-lhe os olhos soffregamente e cubriu-lhe a testa de lagrimas.
Era isto já uma vertigem, que terminou pelo deliquio.

miseravelmente na incerteza, no desprezo, na negação das mais santas coisas do christianismo! Alli se estava vendo o que em verdade é o homem, e quanto são morredoiras as phantasias do espirito arrancado ás leis da humanidade, quando a mão da desgraça descarrega a maça de bronze no peito que tem dentro sangue e fibras. O grande edificio d'aquella selvagem ascetismo estava a derruir-se. O coração de quarenta e trez annos dava pulso como para espedaçar o arnez apertado com arcos de ferro debaixo do habito franciscano. A imagem de Francisco Luiz perpassava-lhe execrandissima por diante dos olhos, gravados n'um revoltear de visões estravagantes que o assediavam, á volta do cadaver d'aquella mulher assassinada sem culpa nem té para aceitar de boamente uma tão grande quanto immerecida paciencia. (Continúa.)

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA

DE
Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-
lha, feita pelos processos mais modernos e aper-
feiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande
quantidade de telha franceza e seus accessorios,
e bem assim outros artigos para construcções,
taes como: azulejos para revestimento de pa-
redes de variados gostos, vasos para frontarias,
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos
que rivalisam com os das principaes fabricas
congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

Aos agricultores

Adubo organico para ter-
ras, vende-se a retalho e em
saccas de 75 kilos, no esta-
belecimento de José Gon-
çalves Gamellas, á Praça do
Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravi-
lhosos para a cultura das terras, con-
vém especialmente para as terras cal-
careas, dependendo a quantidade a em-
pregar-se da qualidade do terreno a que
fôr applicado. Tratando-se d'uma cultu-
ra importante é conveniente submeter
a analyse da terra ao agronomo da lo-
calidade para elle estabelecer essa
quantidade.

No mesmo estabelecimen-
to tomam-se encomendas
e «marés» de junco.

CAIXEIRO

PRECISA-SE d'um com pratica
de mercearia e vinhos para
uma casa d'esta cidade.

Prefere-se que tenha boa ca-
ligraphia e que dê fiador á sua
conducta.

Carta a esta redacção.

Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-
dores de que recebe gado
para açougue nas epochas
propias pelos preços que
constam do seu contracto.

Venda de productos do
Matadouro Municipal de Lis-
boa, sangue secco e pul-
verizado para adubos (o mais
rico em azote), tonelada réis
68:000, tripa larga 240
réis cada masso, tripa es-
treita 260 réis cada masso,
couros todos os sabbados
ao meio-dia, sebo, estrume,
etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

ATENÇÃO

VENDEM-SE
PULVERISADORES

Systema Vermorel..	8000
Gallott	9000
Gobet	9000
Topilhos, systema	
Vermorel	4500

no deposito da importante casa
bacarense Antonio Correia Bra-
ga. Em Aveiro, Antonio Ferreira
Felix, Filhos (Successores) aonde
acaba de chegar uma grande re-
messa d'este artigo.

Todas as machinas se vendem
garantidas por cinco annos.

A AMBICÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gra-
vuras coloridas por Manuel de Mace-
do e Roque Gameiro, e impressa em
magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas,
40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem re-
metter adeantamente a esta empresa
a importancia de dez cadernetas ou
tomos.

Acceitam-se pedidos de qualquer
numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde
Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as
terras do continente, colonias e Brazil.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.

A machina «PFAFF» para alfaiates.

A machina «PFAFF» para modistas.

A machina «PFAFF» para sapateiros.

A machina «PFAFF» para seleiros.

A machina «PFAFF» para corrieiros.

A machina «PFAFF» para toda a classe de costura,
desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha
de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condi-
ções especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para
toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratui-
tamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada
pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis,
cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 58000 réis.

ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL
em 35 cartões, preço, 68000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre
questões de pedagogia), 1
vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o
prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

(narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr.
Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo
Braga, um elegante volume de 525 pag., com
dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indis-
pensavel aos
que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João
de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas
principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem
terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus,
Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer
explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á
viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Es-
trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o
referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida
& Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita
aos Arcos, ha sempre excellentes
calçado feito, tomando-se tambem en-
comenda por medida. Pela segurança
da obra e pela boa qualidade dos cabe-
daes se responsabilisam os annuncian-
tes.

Egualmente garantem a todos a mo-
dicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes
de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160
—LISBOA.

Preço 200

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes
e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zin-
co, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de
aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças,
panellas de ferro fundidas e estanhadas, chãos de ferro, fogareiros,
pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde
para vedações, alyuades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em
massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Com-
panhia SINGER obtiveram na Ex-
posição de Paris de 1900 o mais alto
premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tan-
tas outras que estas excellentes e
bem construidas machinas tem al-
cançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79